

Gínia Maria Gomes (UFRGS)

A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE NO ROMANCE *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

A Manaus representada em *Dois irmãos* tem um lugar importante no romance. É uma cidade fragmentada que se dá ao leitor; uma cidade submetida aos olhares de diversos personagens, para os quais ela ora traz lembranças de outros tempos, ora propicia o refúgio e a fuga dos conflitos vivenciados dentro da casa; também está sujeita ao tempo que, implacável, não a deixa imune a sua passagem. É o tempo da modernidade que muda a sua face, com os novos prédios, com a exposição de suas mercadorias, e com o empobrecimento de seus moradores, que não mais a reconhecem.

Nael, o narrador, constrói a história da família, que é também a sua, a partir de relatos e da observação pessoal: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final.” (Hatoum, 2000, p. 29). É certamente Halim o seu principal interlocutor. É ele que, tentando reviver o passado, recorda os momentos marcantes de sua vida. Faz recortes deste passado, que são apresentados sem linearidade, sem qualquer organização prévia: “Ele me fazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, como retalhos de um tecido.” (Hatoum, 2000, p. 51). As palavras do narrador destacam a fragmentação do relato do avô, a qual também pode ser percebida na metáfora “cacos”, que utiliza em outra oportunidade: “Contava esse e aquele caso, dos gêmeos, de sua vida, de Zana, e eu juntava os cacos dispersos, tentando compor a tela do passado” (Hatoum, 2000, p. 134). É interessante o emprego de “retalhos” e “cacos” para caracterizar a forma de compor “a tela do passado”, pois, às histórias fragmentadas das personagens está inerente a presença marcante da cidade, cuja representação é também fragmentada.

Imagens da cidade

Nomes de bairros, praças, ruas são freqüentemente referidos. Estas constantes indicações de rotas permitem traçar o mapa da cidade. No entanto, o que interessa para este estudo são as imagens da cidade entrevistadas nos “cacos”, que permitem construir a sua história, a qual, vinculada à da loja, se situa entre o período anterior a II Guerra Mundial e alguns anos após o golpe militar de 1964.

A primeira imagem da cidade é de “penúria e fome”, presente no comentário feito por Halim ao filho recém chegado do Líbano: “O filho falou da viagem e o pai lamentou a penúria em Manaus, a penúria e a fome durante os anos da guerra.” (Hatoum, 2000, p. 14). Embora seja uma observação rápida, certamente, o pai discorreu sobre a questão, o que se pode inferir, quando, algumas páginas depois, é Yaqub quem olha para a cidade e as imagens da guerra se impõem, trazendo inclusive informações que desdobram as palavras paternas:

Apoiado no parapeito, Yaqub olhava os passantes que subiam a rua na direção da praça dos Remédios. Por ali circulavam carroças, cascalheiros tocando triângulos de ferro; na calçada, cadeiras no meio círculo esperavam os moradores para a conversa do anoitecer; no batente das janelas, tocos de velas iluminariam as noites da cidade sem luz. Fora assim durante os anos da guerra: Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues e empórios, disputando um naco de carne, um pacote de arroz, feijão, sal ou café. Havia racionamento de energia, e

um ovo valia ouro. [...] Quando tinha sorte, Halim comprava carne enlatada e farinha de trigo que os aviões norte-americanos traziam para a Amazônia. Às vezes trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado, renda encardida, essas coisas. (Hatoum, 2000, p. 22-23)

Apesar de o quadro ser desalentador, dadas as restrições decorrentes da guerra, percebe-se uma cidade humanizada, na qual seus moradores se reúnem “para a conversa do anoitecer”. O emprego do artigo definido ressalta o costume diário: as conversas, signo da humanidade de uma época em que o ser ainda estava em primeiro plano. Aos anos de “penúria” impostos pela guerra segue-se uma época de relativa prosperidade, o que é perceptível na loja de Halim:

Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. Desse tumulto participava Halim, que vendia coisas antes de qualquer um. Vendia sem prosperar muito, mas atento à ameaça da decadência, que um dia ele me garantiu ser um abismo. (Hatoum, 2000, p. 41)

O crescimento da cidade, que cria um novo mercado consumidor, é logo abarcado por Halim. No entanto, apesar da prosperidade, paira a “ameaça de decadência”, que não escapa ao olhar do negociante.

Uma outra fase em que a cidade tem sua face delineada com clareza é aquela simultânea à inauguração de Brasília, ou seja, por volta de 1960. Manaus encontra-se no limbo: distante de um passado de riqueza e do “futuro promissor” representado pela “era industrial” que atinge o País. Antecipando a modernização da cidade, “Rânia quis modernizar a loja” (Hatoum, 2000, p. 128). Sob a influência de Yaqub, que desde sua chegada a São Paulo mostrara seu fascínio pela metrópole, ela transforma a loja, cujas novas mercadorias são exibidas nas vitrines. Recorre aos meios de comunicação – jornais, rádio, folhetos – para, através da publicidade, promover a mercadoria. Um outro tempo se impôs. O de Halim, aquele em que as pessoas “entravam na loja, compravam, trocavam ou simplesmente proseavam” (Hatoum, 2000, p. 132), passara. Rânia dissociara negócios e amizade, inclusive afastando da loja os amigos antigos, com os quais o pai conversava, bem como acabara “de vez com a venda a fiado” (Hatoum, 2000, p. 130). Os novos produtos substituíram os do antigo armazém. O reinado da mercadoria tem início.

Também Wyckham, “sócio” de Omar, percebe a “sede de novidade, o poder de feitiço que cada coisa tem” (Hatoum, 2000, p. 139) e começa a contrabandear mercadorias estrangeiras, “tudo o que naquela época não se via em nenhuma cidade brasileira” (Hatoum, 2000, p. 139). Um fascínio igual ao exercido, por exemplo, pelo Oldsmobile conversível. Em uma de suas noites de festa, Omar percebe o poder exercido pelo automóvel: “seguiu com os olhos o adejo das borboletas e a debandada ruidosa rumo ao conversível. Levantou-se, curioso: para onde iam as mais vistosas? Viu a cena, depois acercou-se da festinha, apreciou o conversível” (Hatoum, 2000, p. 159). Aos olhos dos meninos, o poder de sedução é reiterado: “Curumins da vizinhança apalpavam o conversível, admiravam a maravilha de automóvel: máquina de outro mundo” (Hatoum, 2000, p. 160).

Tanto Rânia quanto Wyckham percebem a sedução exercida pela novidade. A filha de Halim ainda recorre à publicidade para promover a mercadoria. Willi Bolle ressalta a importância dessa associação: “Os rituais de adoração do fetiche Mercadoria são ditados pela Moda, secundada pela Publicidade, enquanto arte de expor as mercadorias.” (Bolle, 2000, p. 66). A percepção desses comerciantes, que descobrem o

valor da mercadoria, permite aproximar a Manaus da década de 60 da Paris do século XIX. Walter Benjamin faz uma análise da questão: “as exposições universais transfiguram o valor de troca das mercadorias, criam uma moldura em que o valor de uso da mercadoria passa para segundo plano”. (Benjamin, 1985, p. 35-36). Neste sentido, a moda tem um papel especial: “A moda prescreve o ritual segundo o qual o fetiche mercadoria pretende ser venerado” (Benjamin, 1985, p. 36). Trazendo coisas novas, Rânia e Wyckham estão justamente promovendo a mercadoria, cujo valor de uso é obnubilado pela sedução que exercem sobre o consumidor. Também Omar percebe o fascínio que o carro exerce sobre as mulheres e o compra.

Alguns anos depois, no mesmo ano do golpe militar, a cidade apresenta-se transformada. Tendo como base o negócio de Rânia, percebe-se que as vitrines em que expõe a sua mercadoria já não são suficientes. Como no tempo em que Halim vendia de porta em porta, ela retoma o mesmo expediente; agora é o narrador quem vai em busca dos fregueses: “Ela encheu uma caixa com amostras de novidades de São Paulo e pediu que eu fosse atrás dos fregueses mais assíduos” (Hatoum, 2000, p. 186) e continuando sua confiança no poder sedutor da novidade. Neste momento, a cidade já está sob o império do progresso. É Yaqub, que mora em São Paulo há vários anos, quem consegue perceber esta transformação. No diálogo com o pai, que se mostra inconformado com a “correria e confusão” (Hatoum, 2000, p. 196) que se instalara na cidade, ele deixa claro sua posição, sua lucidez diante dos novos tempos: “‘É que os terrenos do centro podem ser ocupados’, sorriu Yaqub. ‘Manaus está pronta para crescer’” (Hatoum, 2000, p. 196).

O golpe descobre a face mais terrível da cidade: a violência repressiva de um regime autoritário que não permite vozes discordantes. É na figura do professor Laval, preso e agredido diante dos alunos, em plena praça, que a questão é melhor representada. Aprisionado, morre nos “primeiros dias de abril” (Hatoum, 2000, p. 190); mostrando que, já nos primórdios, o governo militar se impõe pela repressão. O patrulhamento ostensivo, o fechamento de vários estabelecimentos, o controle das rádios são responsáveis pelo clima de medo que se instaura na cidade, o que o narrador expressa com clareza: “As escolas e os cinemas tinham sido fechados, lanchas da Marinha patrulhavam a baía do Negro, e as estações de rádio transmitiam comunicados do Comando Militar da Amazônia. Rânia teve que fechar a loja porque a greve dos portuários terminara num confronto com a polícia do Exército.” (Hatoum, 2000, p. 198) No passeio que faz com Yaqub, o narrador deixa extravasar o clima da cidade, que o aterroriza. Ainda sob o influxo da morte de Laval, lembra da “missa proibida” (Hatoum, 2000, p. 199). Ora, essa proibição já dimensiona o estado de exceção dominante. Na praça, percebe que os pássaros “estavam assustados, voavam enlouquecidos para todo lado” (Hatoum, 2000, p. 199); a tensão é de tal ordem que até as aves mostram no voo a atmosfera ambiente.

Ato de extremo autoritarismo, mas certamente com vistas à modernização e progresso da cidade, é a destruição da Cidade Flutuante. O narrador encontra Halim ao lado de “pescadores, peixeiros, barqueiros e mascateiros”, que “assistiam, atônitos, à demolição da Cidade Flutuante. Os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas.” (Hatoum, 2000, p. 211). A reação dos moradores reforça a ação autoritária, que se realiza sem a anuência dos habitantes do local, contrária a seus interesses e desejo, o que está transparente em “atônitos” e no xingamento que se segue à perplexidade inicial. A destruição da Cidade Flutuante certamente é similar àquela que ocorreu na Paris do século XIX, realizada por Haussman, e no Rio de Janeiro da virada do século, concretizada por Pereira Passos.

(Cf. Pesavento, 1999). Esta modernidade traz consigo o gérmen da desumanização, na medida em que está alheia aos anseios, às necessidades internas do homem. A cidade fora demolida de forma abrupta diante de Halim que não contém o choro ao ver “as tabernas e o seu bar predileto, A Sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado” (Hatoum, 2000, p. 211). Nada os detém e na voracidade destruidora “tudo se desfez em num só dia, o bairro todo desapareceu” (Hatoum, 2000, p. 211). No texto, não há informações sobre quando a Cidade Flutuante sofreu este aniquilamento, porém se situa entre o golpe e 1968, ano da morte de Halim.

As outras imagens da cidade presentes no romance situam-se provavelmente no final dos anos 60 e início dos anos 70, o que é mostrado por meio da euforia econômica que toma conta do ambiente. É um período de progresso, mas também de decadência. Novamente é sob o signo da mudança que a cidade é entrevista. Omar pontua essas modificações:

O Café Mocambo fechara, a praça das Acácias estava virando um bazar. Sozinho à mesa, ele ia contando suas andanças pela cidade. A novidade mais triste de todas: o Verônica, lupanar lilás, também fora fechado. ‘Manaus está cheia de estrangeiros, mama. Indianos, coreanos, chineses... O centro virou um formigueiro de gente do interior... Tudo está mudando em Manaus. (Hatoum, 2000, p. 223)

O crescimento da cidade atrai Rochiram, o indiano que constrói “hotéis em vários continentes” (Hatoum, 2000, p. 226), seduzido pela possibilidade de bons negócios. Também em Manaus ele deseja construir um hotel, para o qual Omar está procurando terreno. Yaqub também vai participar deste empreendimento fazendo o projeto. Para entregá-lo ao indiano, ele volta a Manaus e se hospeda em um hotel da periferia. Referindo-se ao local, o narrador recorre a expressão “moradores assustados com a azáfama da cidade” (Hatoum, 2000, p. 231), que aponta para o crescimento da cidade. Aqui fica transparente a rapidez das modificações, não assimiladas pelo habitante local, por isso o sentimento de susto que o atinge. Por outro lado, este crescimento tem a contrapartida da decadência do centro, da loja e a pauperização, com o grande afluxo de pedintes nas imediações, alguns dos quais já começam a fazer da rua a sua residência:

Durante um aguaceiro, era um deus-nos-acuda no porto da Escadaria e na rua dos Barés. Enquanto eu subia ao telhado para cobri-lo com lona, Rânia tentava salvar a mercadoria do depósito. Na calçada os recém-chegados dos beirões comiam sobras do Mercado Adolpho Lisboa. Ela lhes dava moedas para afasta-los da loja, mas outros voltavam, e dormiam por ali. (Hatoum, 2000, p. 248)

A loja de Rânia, que antes era apresentada por meio das inovações que ela fazia na tentativa de seduzir o mercado consumidor, agora é exibida na sua decadência: as goteiras denunciam o seu estado de deterioração. Contrapondo-se a esta face degradada, está a Casa Rochiram com suas mercadorias importadas, cuja inauguração é um sucesso:

Na noite de inauguração da Casa Rochiram, um carnaval de quinquilharias importadas de Miami e do Panamá encheu as vitrines. Foi uma festa de estrondo, e na rua uma fila de carros pretos despejava políticos e militares de alta patente. Diz que veio gente importante de Brasília e de outras cidades, íntimos de Rochiram. Só não vi gente da nossa rua, nem os Reinoso. Do lado de fora, a multidão boquiaberta admirava as silhuetas brindando nas salas fosforescentes. Muitos permaneceram no sereno, esperando o amanhecer e abocanharam as sobras da festança. Manaus crescia muito e aquela noite foi um dos marcos do fausto que se anunciava. (Hatoum, 2000, p. 255-256)

A festa mostra o império da mercadoria. Os próprios participantes, pertencentes a cúpula política, são transformados em mercadoria e se exibem para uma “multidão boquiaberta”. O final do trecho aponta para o “boom” econômico que ocorrerá no início

dos anos 70. A Casa Rochiram apresenta a face de uma cidade que está se modernizando, ao mesmo tempo empobrecendo, o que a decadência do centro da cidade, com as pessoas que passam a dormir nas ruas, e a degradação da loja de Rânia não deixam dúvidas. A cidade de Hatoum apresenta o contraste entre o luxo, representado na festa de Rochiram, da qual apenas os seletos podem participar e se expor, também eles mercadoria, e uma multidão que apenas olha, como para um espetáculo, talvez sem condições de tornar-se consumidor.

Os personagens e a cidade

As personagens têm uma relação muito próxima com a cidade. É nela, no depósito da loja, nos seus bares, que se realizam os encontros, nos quais, através das conversas, diálogos, expõem sua interioridade, suas angústias e alegrias. É motivado por ela que a memória do passado é recuperada e as lembranças são evocadas, geralmente, se transformando em relatos, cujo interlocutor é o narrador. Halim, Yaqub, Omar e Nael vivem na cidade a liberdade que lhes é interditada em casa. Esta, em vez de refúgio¹, se transforma no espaço das brigas, dos atritos, dos desentendimentos e das rupturas.

Certamente é Halim a personagem que mantém uma relação mais próxima da cidade. A maior parte das informações a que o narrador tem acesso se constituem nos relatos do avô, cujo espaço são o depósito e os bares, principalmente aqueles que se situam na Cidade Flutuante. É, pois, fora de casa, que faz suas confidências, expõe seu sofrimento. Ele, que deseja uma vida partilhada apenas com Zana, se sente invadido com o nascimento dos filhos, que o afastam da mulher, do seu corpo, que se torna interdito para ele, por isto passa os dias jogando e bebendo com fregueses e vadios:

Quando os meninos nasceram, Halim passou dois meses sem poder tocar no corpo de Zana. Ele me contou como sofreu: achava um absurdo o período de resguardo, e mais absurda ainda a devoção louca da esposa ao Caçula. Ele passava o dia na loja, entretido com os fregueses e os vadios que perambulavam pelos arredores do porto, ensinando-os a jogar gamão, bebendo arak no gargalo, como nos tempos da conquista amorosa, da recitação dos gazais do Abbas. (Hatoum, 2000, p. 68)

O depósito da loja passa a ser o seu refúgio, inclusive algumas das confidências são feitas neste local, mas é principalmente o espaço dos encontros amorosos com a mulher. É aí que eles passam algumas horas sem a invasão dos filhos:

Nas raras visitas de Zana à loja, ele mandava embora os fregueses e os jogadores, trancava as portas e subia com ela para o pequeno depósito, onde uma janelinha dá para o rio Negro. [...] Uma brisa soprava do rio, trazendo o pitu de peixe, o cheiro de furtas e pimenta. Ele gostava desse cheiro, que se misturava com outros: o suor dos corpos, o mofo dos tecidos encalhados, das sandálias de couro, das redes de algodão, dos rolos de tabaco de corda. Ao reabrir a loja, comemorava o encontro fazendo uma liquidação das tralhas todas espalhadas no cubículo. Era uma festa, cada vez mais rara. (Hatoum, 2000, p. 70-71)

A presença dos filhos, principalmente de Omar, torna-se cada vez mais invasiva, deflagrando discussões acíduladas com a mulher. Uma dessas circunstâncias é aquela em que o filho põe fogo no mosqueiteiro. Enquanto ele o acusa de incendiário e o expulsa do quarto, Zana o protege. Então Halim, depois de discutirem, sai de casa; parece ser este ato o início de uma prática que se tornará rotineira; as desavenças no lar o levam para a rua:

Discutiram no meio da noite, até que ele saiu de casa batendo a porta com fúria. Atrás dele correram Zana e Domingas, e o alcançaram perto de um quiosque do Mercado Municipal. Estava de pé, fumando, olhando os barcos pesqueiros

¹ “A casa é também um símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1990, verbete casa)

iluminados que acabavam de atracar no porto da Escadaria. Disse às duas mulheres que voltaria mais tarde, e passou o resto da noite relembrando o pesadelo, o olhar nos barcos e no rio Negro, até que as vozes e os risos do alvorecer o devolveram à realidade. Estava descalço, de pijama, e os primeiros peixeiros da manhã pensaram que estivesse louco. Um deles o conduziu para casa puxando-o pelo braço como um sonâmbulo. Dormiu duas noites no depósito da loja, não suportava a presença do filho na cama, não suportava uma intromissão no leito conjugal. (Hatoum, 2000, p. 70)

Os conflitos com o filho não param aí. Adulto, Omar tem uma vida desregrada, sempre pondo em xeque a autoridade paterna. Diariamente chega em casa de madrugada bêbado, fato que Zana procura encobrir. Em uma ocasião ele extrapola os limites e é flagrado por Halim com uma mulher, com quem havia feito “uma festinha”: “dançaram em redor do altar, fumaram narguilé e beberam à vontade” (Hatoum, 2000, p. 91). “De manhãzinha” o pai os vê “nus dormindo no sofá cinzento” (Hatoum, 2000, p. 91). Halim dá-lhe uma bofetada e o acorrenta “na maçaneta do cofre de aço” (Hatoum, 2000, p. 92) e depois vai para a cidade. O desrespeito desencadeia a violência paterna. A bofetada certamente é o aflorar de todos os desgostos, angústias e, principalmente, significa a repreensão à vida inconsequente do filho. Depois vai para a cidade, o refúgio onde sequer o narrador consegue encontrá-lo:

Eu fui incumbido de vasculhar o centro da cidade; entrei nas barracas espalhadas no porto da praça dos Remédios, nos pequenos restaurantes encafuados no alto dos barrancos, nos botecos do labirinto da Cidade Flutuante, onde ele costumava papear com um compadre. Ninguém o avistara, e mesmo se eu o tivesse encontrado, não teria dito nada. (Hatoum, 2000, p. 92)

No trecho, é interessante a imagem do labirinto como característica da Cidade Flutuante. Esta imagem remete à multiplicidade de caminhos – “pluralidade vertiginosa de possíveis” (Peyronie, 1997, p. 556) -, e à probabilidade de perda dos não iniciados. Como um iniciado, Halim conhece os seus meandros, por isso não ser descoberto. Também é em um bar da Cidade Flutuante que ele relata para o narrador, num verdadeira desabafo, a conversa que tivera com o filho Yaqub, conta que este lhe falara sobre a estada do irmão em São Paulo, a violação de seu apartamento, o roubo do passaporte e do dinheiro, os desenhos nas fotos do casal e sua ida para os Estados Unidos, de onde lhe enviara alguns cartões. Observe-se a imagem labiríntica na descrição da Cidade Flutuante, reiterada na metáfora “teia de circulação”:

Ele me levava para um boteco na ponta da Cidade Flutuante. Dali podíamos ver os barrancos dos Educandos, o imenso igarapé que separa o bairro anfíbio do centro de Manaus. Era a hora do alvoreço. O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casa flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formavam uma teia de circulação. (Hatoum, 2000, p. 120)

Já velho, é para a cidade que foge do desconforto do lar, motivado principalmente pelo Caçula, o protegido da mulher. Não fora ele com sua vida desregrada e o atrito com o irmão, Halim “não teria com que se preocupar. Podia passar o resto do tempo, os dias ou anos do desfecho, entre as tabernas do porto, o labirinto da Cidade Flutuante e o leito conjugal.” (Hatoum, 2000, p. 163). Devido a sua idade avançada, Zana fica atenta às suas andanças noturnas, delegando ao neto a incumbência de procurá-lo. O ambiente familiar desalentador está transparente na sua relutância em retornar: “Relutava em voltar para casa, soltava uns palavrões em árabe, mas depois murmurava: ‘Está bem, querido, vamos, vamos... é o jeito, não é?’” (Hatoum, 2000, p. 187) A relação com o filho torna-se intolerável quando Omar é vítima de “uma gonorréia galopante” (Hatoum, 2000, p. 208): “Ele não suportava ouvir os urros do filho, muito menos as mentiras da mulher. Saía em plena noite, sabia onde encontrar

amigos notívagos nos bares dos Educandos. De dia escapulia com mais frequência, nem esperava a sesta para pôr os pés na rua.” Sem ser poeta, a errância de Halim nos permite aproximá-lo do “flâneur” baudelairiano, que se comprazia nas andanças pela cidade. O próprio narrador recorre a expressão “flâneur de província” (Hatoum, 2000, p. 52), embora para afirmar que esta faceta não se concretizou, pois não se tornara poeta. Apesar das restrições físicas, ele incursiona pela cidade: “Sozinho ele se mandava por aí, capengando com a bengala sob o sol quente. Não perdera o senso de direção, era capaz de apontar um barraco e nomear o compadre que ali morava, de caminhar às cegas por áreas mais distantes: [...]” (Hatoum, 2000, p. 209). O narrador, seguindo o seu rastro, às vezes tinha dificuldade em encontrá-lo, já que ele se entregava à errância, caminhando sem rumo: “caminhava solto, errante, desencantado, um balão que murcha antes de tocar as nuvens.” (Hatoum, 2000, p. 210).

Este “flâneur de província” buscou nos bares e na errância pelas ruas a fuga dos problemas domésticos, com os quais não conseguia se confrontar, mantendo com a cidade uma relação muito estreita. Por isso, entende-se o seu choro diante da destruição da Cidade Flutuante. É interessante que sua morte é narrada imediatamente depois desta cena. Talvez não tivessem acontecido em sequência, mas o fato de serem narrados desta forma parece apontar para a impossibilidade de Halim sobreviver ao desconsolo da destruição do espaço onde certamente vivera momentos prazerosos, os quais lhe foram interditos no ambiente familiar.

Para Yaqub a cidade é principalmente motivadora de lembranças. Para a personagem que morou em Manaus até os treze anos e dos dezoito aos vinte e cinco, a cidade se apresenta como deflagradora do passado. Tendo residido cinco anos no Líbano, quando retorna, ao divisá-la, a memória da infância aflora: “No caminho do aeroporto para casa, Yaqub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha.” (Hatoum, 2000, p. 16-17). À continuidade do trajeto outros fragmentos da infância são evocados. Aos alegres, se sobrepõe a cena do baile, quando vê o irmão dançando com Livia, a menina por quem se sentia atraído. Esta circunstância terá como desdobramento a cena do cinema na casa dos Reinoso, na qual é o irmão que, ao acender das luzes, o flagra recebendo um beijo da menina. O irmão tem uma reação imediata e o fere na face, deixando-lhe uma cicatriz cujas marcas nunca desaparecerão. E este é o motivo da viagem, que o afasta da cidade e determina a ruptura abrupta com o mundo da infância: “ele não queria lembrar do dia da partida.” (Hatoum, 2000, p. 20)

Depois, Yaqub vai morar em São Paulo, neste momento por livre escolha, e a cada retorno, os passeios pela cidade são desencadeadores de lembranças. A primeira viagem de regresso à terra natal certamente é a mais importante, pois havia cerca de dez anos que partira para a metrópole paulista. Nela ele é mostrado pela perspectiva do narrador, com quem vai passear. É o olhar de estranhamento que inicialmente deixa extravasar: “Durante o nosso passeio pela cidade, enquanto nos aproximávamos da zona portuária, ele parecia estranhar tudo” (Hatoum, 2000, p. 114). Em seguida, ele degusta especiarias manauras - “sorvendo com calma o tucupi fumegante, como se quisesse recuperar um prazer da infância” (Hatoum, 2000, p. 114). É um recurso similar ao da personagem de Proust, com a diferença de que em Yaqub essa busca não é involuntária, mas consciente. Percorrem vários lugares da infância, os quais são imediatamente reconhecidos pela personagem. Durante o percurso alegria e tristeza se alternam. Se em um primeiro momento, o narrador flagra a alegria do reencontro - “Parecia estar contente, não se irritava com o cheiro de lodo que empestava as praias do igarapé” (Hatoum, 2000, p. 115) –, logo, a tristeza tem lugar. O narrador capta esta alternância

quando chegam em um local que costumava frequentar com Domingas. Logo faz-se reconhecer pela dona do estabelecimento. Ela, então, gentilmente lhe apresenta uma fotografia em que os dois estão juntos (ele e Domingas). Olhando-a o narrador percebe que “sua alegria foi-se apagando, o rosto ficou sério” (Hatoum, 2000, p. 115). Imediatamente a lembrança da partida para o Líbano se impôs: “ele me disse que nunca ia esquecer do dia em que saiu de Manaus e foi para o Líbano. Tinha sido horrível. ‘Fui obrigado a me separar de todos, de tudo... não queria’” (Hatoum, 2000, p. 115-116). A lembrança da partida traz a vivência da dor, que substitui a alegria inicial. Neste passeio, o narrador percebe que alegria e dor se alternam. Segundo ele, a emoção da redescoberta de “pessoas, paisagens, cheiros e sabores era logo sufocada pela lembrança de uma ruptura” (Hatoum, 2000, p. 116). A ruptura que o afasta de seu mundo, nunca é esquecida. A cada passo ela se impõe, não dando espaço nem para as lembranças felizes, nem para a vivência prazerosa do momento. É a visão da cidade que deflagra essas lembranças.

Para Omar a cidade representa a vivência da liberdade. À noite ele buscava o prazer nos bares e nas festas, que se estendiam até de madrugada, quando retornava para casa geralmente bêbado e recebia os cuidados das mulheres. Na cidade, ele tinha a vida que lhe era interdita em casa, onde havia limites que não podiam ser transgredidos. A transgressão tinha como consequência a sanção paterna. Na casa, o conflito com o pai se contrapõe ao extremado amor materno. No entanto, é importante ressaltar que este tinha um ônus: se ela era permissiva com sua vida desregrada, não admitia dividir o afeto do filho com outra mulher. Nas poucas ocasiões em que ele se entregou ao amor, a mãe imediatamente o afastou da escolhida. Teve mais dificuldade com a Pau-Mulato, momento em que ele tentou romper os grilhões maternos, mas não foi forte o suficiente para resistir à investida da mãe. Com esta mulher exerceu plenamente a sua liberdade: “Viviam de uma forma anfíbia, clandestinos, ambos na honrosa pobreza, sem horário para nada. Soltos e livres, viviam a vida sem o previsível” (Hatoum, 2000, p. 170). Certamente era essa liberdade plena que Omar desejava, mas que não teve forças para sustentar. Embora revoltado, voltou para casa, para a mesma vida desregrada e irresponsável que vivera até então, entregando-se novamente aos bares, às festas e às bebedeiras, vivendo na cidade uma vida sem restrições.

Também o narrador, Nael, mantém uma relação estreita com a cidade. Todas as conversas significativas com as outras personagens se realizam em passeios pela rua, praça e bares da cidade, ou seja, fora dos limites da casa. Para ele, a questão pungente era a identidade paterna. A mãe se esquivava de fazer-lhe a revelação. No entanto, nos passeios, longe da casa e de suas interdições, ela parecia na iminência de descobrir a verdade: “nos nossos passeios, quando me acompanhava até o aviário da Matriz ou a beira do rio, começava uma frase mas logo interrompia e me olhava, aflita, vencida por uma fraqueza que coíbe a sinceridade. Muitas vezes ela ensaiava, mas titubeava, hesitava e acabava não dizendo.” (Hatoum, 2000, p. 73) Pouco antes de sua morte, finalmente, Domingas faz a tão esperada revelação. Ela é feita justamente em um dos habituais passeios que mãe e filho faziam. É na rua dos Barés, “sentada na mureta que dá para o rio escuro.” (Hatoum, 2000, p. 241). É, pois, na rua que ela desvela o segredo guardado por toda uma vida. A descoberta se dá de forma velada, havendo nela uma certa ambigüidade, não deixando claro se o filho é de Yaqub, com quem ela gostava de estar ou de Omar, a quem ela não desejava mas bêbado, entrara em seu quarto forçando-a ao ato: “Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalhado... ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão.” (p. 241)

O enfoque de Manaus através de suas imagens e da relação com as personagens não esgota o potencial da cidade presente no romance de Milton Hatoum. As duas

perspectivas analisadas, no ensaio, trazem uma cidade construída por meio dos “cacos” resgatados pelo narrador, daquilo que viu ou das narrativas que ouviu. O leitor vai traçando as rotas, fazendo o percurso das personagens, seja no tempo – quando imagens da sua transformação vão se impondo -, seja no espaço – percorrendo as ruas e, principalmente, os labirintos da Cidade Flutuante. Seduzido, ele segue o caminho, e, nos “cacos”, a cidade se revela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: _____. *Walter Benjamin*. Organizado por Flávio Kothe. São Paulo: Ática, 1985.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da cidade moderna*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade / UFRGS, 1999.
- PEYRONIE, André. Labirinto. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Diccionario de mitos literarios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.